

Cultura



A batata que passa de mão em mão entre os seis performers é a materialização de uma comunidade

A revolução de Cooperativa é uma batata passada de mão em mão

Gonçalo Frota

Nova criação de Ana Rita Teodoro, Clarissa Sacchelli, João dos Santos Martins, Filipe Pereira, Daniel Pizamiglio e Sabine Macher

Há um monte de batatas no chão do Teatro do Bairro Alto, em Lisboa. Dele emanará toda a lógica e toda a ética colectiva que seis performers (Ana Rita Teodoro, Clarissa Sacchelli, Daniel Pizamiglio, Filipe Pereira, João dos Santos Martins e Sabine Macher), diluídos entre o público, colocarão em marcha em *Cooperativa*, a partir de hoje e até domingo. Sem regras absolutamente visíveis para os intrusos, aos poucos vai-se tornando claro que tudo o que acontece passa pela assunção de uma responsabilidade partilhada, pela preocupação de cuidar do bem comum, pela comunhão de um problema, pela construção de uma comunidade momentânea.

Não há regras e não há, também, palavras para definir o que se passa. Os gestos dos seis performers tratarão de estabelecer os códigos de conduta e de interdependência diante dos espectadores – que podem tomar parte e interferir com a performance, desviá-la, talvez, do rumo previsto.

Cooperativa parte de um desejo de horizontalidade – que se foi inclinando, porque os desejos iniciais nem sempre são os desejos finais – e decorre da circunstância de estes seis intérpretes se terem cruzado, desde 2015, em duas criações assinadas por João

dos Santos Martins, *Projecto Continuado e Companhia*. “Já tínhamos um modo de trabalhar em que cada um se sentia à vontade para dar as suas opiniões, colaborar, construir e mudar rumos da peça. Mas tínhamos o descanso de o João ser a figura que amarrava, resumia e tomava a decisão final”, explica Ana Rita Teodoro.

Na base de *Cooperativa* está, portanto, uma vontade de diluição da autoria – que se estende ao público, através do convite para que a passagem das batatas de mão em mão forme uma cadeia. E está também uma certa utopia social e política, que teve entre os seus rastilhos o visionamento conjunto do documentário *Torre Bela*, no qual o alemão Thomas Harlan registou a ascensão e a queda da ocupação de uma propriedade agrícola com vista a uma gestão popular.

Foi depois de *Torre Bela* que a palavra “cooperativa” começou a impor-se como título e, diz Daniel Pizamiglio, “a servir de modelo” para o projecto. Depois, o colectivo visitou a Herdade do Freixo do Meio, em Montemor-o-Novo, e decidiu juntar-se para a apanha da azeitona na casa dos pais de Ana Rita Teodoro.

Sabendo que esse modelo de trabalho colectivo teria de ser ajustado a uma prática artística, foram fixando as regras que lhe podiam servir. Uma, diz Filipe Pereira, foi a decisão de só discutirem o trabalho quando estivessem todos juntos, fisicamente. Outra, acrescenta Clarissa Sacchelli, resultou da visita à cooperativa Rizoma. “Foram eles que nos falaram de consenso e consentimento – habitual-

mente, tomam as suas decisões políticas por consenso, enquanto as operacionais acontecem por consentimento.” Os seis performers adoptaram esta metodologia até que perceberam que funcionavam melhor em dissenso – precisavam que “as vozes de cada um se fizessem ouvir”.

A evolução do trabalho partilhado durante meses, reflecte ainda Sabine Macher, não conduziu a que todos ficassem a pensar de forma mais parecida. “Talvez agora as diferenças até sejam mais evidentes.”

O caminho para chegar a *Cooperativa* não foi fácil nem imediato. Os seis sabiam-se unidos por uma forte relação artística e pessoal, mas até aqui “havia sempre condicionalismo, hierarquia”, porque João dos Santos Martins “trazia o início e levava o fim”. Aconteceu que este reencontro se deu quando se comemoravam os 50 anos do 25 de Abril, que o primeiro dia de trabalho teve lugar no Museu do Aljube e que as referências de que se rodearam carregavam sentido revolucionário e celebração das liberdades conquistadas. “O regresso do fascismo, da censura, da guerra”, dizem, “alimentou as nossas discussões e afectou as nossas decisões”.

É verdade que há um monte de batatas no chão e que elas serão passadas de mão em mão. Mas o que *Cooperativa* propõe está mais na potência do gesto que une dois corpos e duas vontades. A batata é só uma desculpa. Quanto um dedo aponta nalguma direcção, também dirigimos o olhar para o lugar sinalizado. Não ficamos a mirar o dedo.

Um Jazz em Agosto com amigos de longa data à procura do “novo e desconhecido”

Daniel Dias

Patricia Brennan e o trio de William Parker, Cooper-Moore e Hamid Drake entre as propostas da 41.ª edição do festival

O que une os músicos do 41.º Jazz em Agosto? “São conscientes da tradição, mas recusaram ficar presos ao passado. São curiosos, abertos ao novo e ao desconhecido, procurando consistentemente novos caminhos que reflectam o seu tempo, o presente.” Palavras dos directores artísticos e programadores José Pinto e Rui Neves ao anunciar o programa da edição deste ano do festival, que decorre de 1 a 10 de Agosto na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa.

O arranque caberá ao Heart Trio de William Parker, Cooper-Moore e Hamid Drake, no anfiteatro ao ar livre da fundação. Parker, contrabaixista, é “um dos mais influentes líderes espirituais da liberdade no jazz”, escrevia em 2012, no PÚBLICO, o saxofonista Rodrigo Amado. O pianista e inventor de instrumentos Cooper-Moore e o baterista Hamid Drake, figuras destacadas do jazz actual, são colaboradores de longa data. Nesta formação, salienta o Jazz em Agosto



O saxofonista Darius Jones está de volta ao Jazz em Agosto depois de ter passado pelo festival em 2024

no dossier de imprensa da edição que se avizinha, “exploram uma ligação a músicas ancestrais africanas e orientais, adoptando instrumentos como o ngoní, o shakuhachi, o duduk ou instrumentos criados pelos próprios, gerando uma música hipnotizante e com uma intensa ligação à terra”.

No dia seguinte, dar-se-á o reencontro com Kris Davis, outro nome que, com diferentes projectos, tem visitado regularmente o Jazz em Agosto. Desta vez, a aclamada pianista virá com o contrabaixista Robert Hurst e o baterista Johnathan Blake, com quem no ano passado editou *Run the Gauntlet*, álbum de homenagem a mulheres pianistas que foram “fundamentais no seu percurso”.

Também de regresso estão, por exemplo, Darius Jones, Pat Thomas ou Mary Holvorson. O primeiro, saxofonista, volta, um ano depois, com *Legend of e’Boi (The Hypervigilant Eye)*, álbum que, como se lê na respectiva página de Bandcamp, reflec-

te sobre a saúde mental na comunidade negra e a superação de trauma pessoal e colectivo – através de terapia, através da entreaajuda, através da arte. Tocar, com o contrabaixista Chris Lightcap e o baterista Gerald Cleaver, a 3 de Agosto, quatro dias antes de Thomas, pianista, apresentar o jazz sem regras, “alienígena”, do seu grupo X-Ray Hex Tet. Holvorson e a sua guitarra eléctrica sobem ao palco a 9, juntamente com Michael Formanek (contrabaixo) e Tomas Fujiwara (bateria e vibrafone), do trio Thumbscrew.

No dia seguinte, a responsabilidade de encerrar o festival recai sobre a vibrafonista Patricia Brennan, líder de um cada vez mais reputado septeto de jazz experimental e afro-cubano que no ano passado lançou *Breaking Stretch*, álbum aclamado no seu circuito. Antes disso, a 6, mais um regresso: o da vocalista e poetisa norte-americana Moor Mother. Juntamente com o rapper Dälek, nascido Will Brooks, será convidada especial do grupo MOPCUT, que se prepara para lançar um disco no qual o noise pode transformar-se em jazz, que por sua vez pode ser convertido em improvisação livre, ou em rock’n’roll, ou em minimalismo. Chama-se RYOK e sai a 2 de Maio.

Entre os nomes nacionais do cartaz está, por exemplo, Rafael Toral, protagonista inescapável da música experimental portuguesa que no ano passado foi muito aplaudido pelo disco *Spectral Evolution*, em que volta a pegar na guitarra, colocando-a em diálogo com o seu arsenal de instrumentos electrónicos, também construídos pelo próprio. Toca a 2 de Agosto, dois dias antes de o trompetista Luís Vicente (ele que já colaborou com William Parker e Hamid Drake) subir ao palco com duas outras forças dos seus respectivos instrumentos: Gonçalo Almeida (contrabaixo) e Pedro Melo Alves (bateria).

Haverá tempo, ainda, para concertos de João Próspero (5 de Agosto), contrabaixista que apresentará o seu disco de estreia, *Ahleuchatistas* (dia 8), trio de rock altamente experimental e desalinado, Shane Parish (dia 9), fundador deste projecto americano que, a solo, apresentará as suas explorações com guitarra acústica (íntegra o quarteto de guitarras de Bill Orcutt), Elías Stemeseder e Christian Lillinger (dia 10), duo electroacústico, e Mariam Rezaei (dia 3), que usa o gira-discos para fazer uma música frequentemente abrasiva e febril – Julien Desprez e Lukas König, respectivamente o guitarrista e o baterista dos MOPCUT, serão os seus convidados especiais.

Edição em papel



COMPRAR NUM. ANTERIORES

Subscrever

Primeiro Nome

Apelido

Email

- Subscrever a Newsletter (versão PT)!
- Aceito a [Política de Privacidade](#)

Não sou um robô

SUBSCREVER



Cooperativa, 2025 @ Teatro do Bairro Alto, Lisboa. © José Carlos Duarte

ARTE & CULTURA , DESTAQUE

A batata dança?

António Figueiredo Marques

O convite para o espectáculo *Cooperativa* (Teatro do Bairro Alto, 24 a 27 de Abril), dos bailarinos Ana Rita Teodoro, Clarissa Sacchelli, Daniel Pizamiglio, Filipe Pereira, João dos Santos Martins e Sabine Macher, culmina com a pergunta “*O que pode uma batata?*”

Talvez de modo insuspeito, a batata é um agente cultural global. Desconhecida na maior parte do planeta até ao século XVII, senão pelos povos andinos da América do Sul, de onde é originária, que já a cultivavam há cerca de 8000 anos, a batata é um objecto reconhecível por todos (ou quase todos) independentemente da classe ou geografia. Podemos hoje não saber nomear a *quinoa*, ou identificar este espécime vegetal, ou em décadas precedentes o *kiwi*, mercê de exotismos ou modismos, contudo, a batata é um elemento omnipresente na nossa realidade alimentar.

Com efeito, a performance da batata, isto é, o seu movimento, partilha os trânsitos que as expansões globalizantes provocaram no mundo e nas sociedades. Globalização de ideias, mercados, comportamentos, onde não podemos isentar a escravatura, e a dominação territorial e religiosa.

Ao entrar na sala de teatro no TBA, somos recebidos pela sala preta desnuda, contendo pouco mais do que os objectos da própria caixa teatral. O público pode deambular pela ampla área da plateia; o palco está reservado para uma surpresa ao final: as batatas que assam em cima dos projectores de luz, a serem comidas na última cena. Os performers, pelo meio do público, habitam o espaço e vão-no preenchendo gradualmente, através da sua energia de presença, viva, irradiante e receptiva.

Há batatas amontoadas, de vários feitios e tamanhos, dispersas pelo espaço. Os performers vão executando vários exercícios não codificados, talvez, ainda assim, um ritual, entrosando-se entre si e com os espectadores, levando a uma activação sensorial colectiva. São entregues batatas aos espectadores, fazem-nas circular na roda que se formou, rolam-nas pelo chão entre todos. Os bailarinos alinham uma batata após outra, numa ríscia recta ou serpenteante pelas tábuas negras da plateia. Cria-se um desenho que logo se apaga, é um acaso e um desejo busca-ela evanescentes. Todos os gestos são de uma aparente simplicidade, a batata singela como se *Já que aqui estamos todes...* e assim o acontecimento existe. O exercício de procura segue e robustece-se. Os espectadores – entretanto convocados a participantes – interagem com os intérpretes, indistinguindo funções e categorias. Com efeito, sem participação (uma modalidade de simbiose, nos termos da ecologia), o espectáculo não era. Então, as batatas são passadas em barda, por baixo dos joelhos, as pessoas sentadas no chão. Um frenesi e urgência que toma conta de todos. É um ambiente convivial, mesmo entre desconhecidos.

As acções e gestos repetidos criam uma máquina-corpo, orgânico e accional. Em contínuo, vemos surgir uma mecânica do trabalho, alguém até entoa uma cantilena em tom grave, um coro múrmuro que cresce. A isto não é alheio o próprio título do espectáculo *Cooperativa*, aludindo às associações de produtores numa dada actividade económica, que em conjunto decidem, executam, gerem, tentando uma horizontalidade de importâncias. Já a [sinopse](#) leva a esse caminho: “modos transformativos para a construção de um bem comum”. Cooperação que surge em contramão com competição, extrativismo, protagonismo, produtividade, todos signos incontestados da experiência contemporânea.

De todo o modo, se, por um lado, esta peça estimula a força do colectivo, a negociação tácita do que há a fazer, por outro, anuncia-se o ilógico do trabalho. O que a peça tem de sensibilidade e de doçura, tem também de absurdo, isto é, a ausência de uma causalidade forçosa. O acaso da ocorrência é a sua motivação, no conjunto dos sujeitos presentes. É a convivialidade que gera o momento – e o seu seguinte.

De repente, um pequeno grupo, num círculo ombros com ombros, tem a missão de transportar uma saca de batatas. Saca que é ora a camisola puxada à frente da barriga em cova, ora um molho de roupa; algumas batatas caem e são apanhadas. O banal circunstancial é transido de valor. E de repente os performers vão em círculos velozes, uns atrás dos outros, uns que chamam os outros. Estão a brincar, o sorriso na cara denuncia-os no gesto gratuito e imotivado. Daniel, de repente nu, porque se trata de brincar, explorar; a pele humana e a casca da batata aparentam-se e dissemelham-se. E de repente, Ana Rita larga num pranto. E de repente, João irrompe numa corrida. E de repente, Clarissa nasce com a sua voz. E lentamente, Sabine joga conversa fora. E lentamente Filipe, vem ao pé de ti.

A batata passa por vários matizes simbólicos: transmissão, partilha, cuidado. Passada de mão em mão, olhos nos olhos, o tubérculo singular que nos enche a barriga (e também totem de Axomama, deusa inca da batata) é sinónimo de intimidade e solidariedade. Batata é ainda uma interface que medeia não só o labor e o colectivo, mas também o sujeito e o objecto: é o corpo que manuseia a batata, ou é a batata que faz o corpo dançar? Se num primeiro momento, o vegetal é manipulado pelos participantes, legado corpo a corpo, nesse passo, passará de objecto a agente, intervém como protagonista da dança. Perante um conjunto indefinido de corpos (performers ou espectadores), a batata toma a dianteira e com ela cada um individualiza-se. Uma batata é uma vida, um propósito, um gesto. O tubérculo funciona como um dispositivo que faz surgir a centelha do singular, tal um *medium* para conhecer mundo. Batata é como interface sensível e háptico.

Percebendo as condições materiais que nos envolvem, *Cooperativa* é um jogo de sensorialidade, uma produtividade do ócio e do viço brincante, dando forma ao aleatório, à pausa, tendo em conta o devir histórico do movimento transatlântico e global da batata. Heurísticamente batata devém alegria material. Por último, a batata retoma a sua função básica: é comida pelos convivas.

António Figueiredo Marques não escreve ao abrigo do AO90.

MAIO 14, 2025



ARTE , LISBOA

ARTIGOS RELACIONADOS



Coisa Comum, de Hélder Folgado
Maio 15, 2025



Various Others 2025, um diário de bordo
Maio 14, 2025



On the road: Porta 33, Escola da Vila, Francisco Janes e Chain Reaction
Maio 14, 2025



ARTIGO ANTERIOR
Transtemporalidade do gesto: Diálogos Sensíveis, de Pedro Chorão

PRÓXIMO ARTIGO >
On the road: Porta 33, Escola da Vila, Francisco Janes e Chain Reaction



ANTÓNIO FIGUEIREDO MARQUES

António Figueiredo Marques escreve ensaios, folhas de sala e artigos sobre arte performativa, folhas de sala e artigos sobre arte performativa, montagens dramáticas e os modos artísticos de composição cénica. Reflecte sobre a montagem dramática e os modos artísticos de composição cénica, estudando as dimensões visuais, sonoras, do corpo e intermédia no plano da performance contemporânea. É Investigador no ICNOVA, doutorado em Comunicação e Artes (NOVA FCSH) e co-editor do site sobre artes performativas e performatividades expandidas CRATERA | Performance & Cognição. Enquanto performer, faz regularmente formação com Mónica Calle, Yael Karavan, Renato Ferracini, Miguel Moreira, Tiago Vieira, Jorge Silva Melo, Miguel Loureiro, entre outros.

Batata, como quem diz

Por Duarte Amado

25 DE ABRIL DE 2025

PARTILHAR    



Em *Companhia* (2018), Ana Rita Teodoro, Clarissa Sacchelli, Daniel Pizamiglio, Filipe Pereira, João dos Santos Martins e Sabine Macher, convocavam-se à vez com a voz e respondiam com o corpo para completar pequenas danças, como se o impulso e a marcha dos acontecimentos fossem perguntas respondidas na figura do outro. Recíprocas, iniciativa e prontidão pareciam suficientes para aproveitar ações, orientar o grupo e assegurar um mundo.

Uma batata já lá estava, é certo, premonitória, à espera de negociações mais complexas e menos baseadas na vontade da 1.ª pessoa do singular. Sete anos depois, em *Cooperativa* (2025) (TBA, Lisboa, de 24 a 27 de abril, e no Circular Festival em setembro), o tubérculo ultrapassa a questão de cada um poder falar com o seu corpo até ao fim, para ampliar a pergunta: o que se traz, deve conservar ou comprometer, e que permite dizer *Nosso*?

De *Projeto Continuado* (2015) a *Companhia* (2018), citações trazidas no corpo para esta *Cooperativa* de dança, o modelo de governação é agora uma conversa física entre as hipóteses – reais ou idílicas – de dirigir em comum e sustentar o que se cria, ou queria, num organismo coletivo e compósito de gestos sociais e intenções particulares.

A partir de um monte, com uma certa solenidade e peso do leve, cada uma é retirada, atirada, transferida; passada entre todos como uma moeda vegetal e fração de partitura. Percebemos que não circula silenciosa e negocia apenas a batata, quase promovida ao estatuto de ovo: é a própria performance, a autoria e o propósito.

Nem contrato escrito nem total coincidência, sob uma estética de improviso introduzem-se nuances e variações que acionam e refazem respostas, sequências, cordões humanos e correntes de dança. Entre os performers e o público (aliciado ou comprometido), a participação não se esgota na adesão mais ou menos espontânea: somos envolvidos numa rede de micro-decisões coreográficas que testam constantemente a auto-motivação e a disposição no espaço-tempo do trabalho e do conjunto. Uma comunhão de vontades e derivações que no seu melhor não permitirá sequer distinguir quem faz parte do núcleo duro da performance.

Entre a tecnologia analógica da batata e o *fordismo* empático, gera-se um movimento coletivo com um alcance simbólico que mede o peso real da Cooperativa sobre as circunstâncias. Juntos, por vezes tudo parece funcionar por um motivo que ninguém controla.

Haverá tempo para encostar uma ou outra ao ouvido, como um oráculo ou cancionero poético (possíveis hábitos de *Leitura de Seres Vegetais* (2020), Ana Rita Teodoro); gerir o contrabando, dilemas físicos, turnos, epicentros e responsabilidades múltiplas que distribuem e embrulham a performance e a revolução numa trouxa, carregada às tantas como quem engravidou de uma ideia. Entre mãos e olhares que pedem e oferecem, cânticos de jorna e ecos de Abril, partilha-se o peso (literal) da causa e do batatal – imagens com corpo, vivas e coabitadas, da dependência e fragilidade dos ideais.

Mas esta mobilização total aliada à impressão de que nada se deve desperdiçar ou cair, também questiona: aderimos ou cedemos? Horizontalidade ou delegação? Convicção ou automatismo? Quem pode parar? De quem esperamos continuidade? Desejo ou dever? “*A ideia de uma ideia que se move?*”, pergunta a folha de sala.

Quentes e todas

A entrada em jogo e queda em tempo *record* da batata aquecida num holofote, depois servida, recorda outros aspetos dos grandes movimentos: em teoria comemos juntos; na prática comem todos. Se o lamento quando caem ao chão já não é só pela perda do exemplar, mas também pela interrupção de uma ficção que protegia um destino comum desconhecido – para quem se queira apenas livrar da própria participação, pode representar um alívio secreto e libertação desta máquina. Prossequimos por inércia, altruísmo ou inibição para parar? Paramos por cansaço, indecisão ou sabotagem? O que deu quem não queria dar? Se nada obriga, porquê cooperar?

Talvez por isso, quando as portas simplesmente se abrem no final para legar e confiar que algo continua, a união pareça mais exposta à crueza da sala, à fadiga revolucionária; à impressão de desmobilização física e existencial. Como quem diz que o todo só resiste lá fora, sem pretextos, com adesão pessoal. Que se pode aderir, sem cooperar. Cooperar sem aderir – afinal a mesma matéria que permite que cada sessão seja apresentada pelos seis, ao público, ou por todos, numa obra generosa em lidar com a sua própria ciência política: expor-se a quantos são precisos para gerar a mudança. Cada gesto um voto.

Ao converter um objeto comum em bem comum, a revolução num quotidiano, no conjunto há qualquer coisa de Judson Dance Theater e qualquer coisa de Torre Bela: um ritual de desvio e aproximação constantes da utopia performativa e participativa, através de um grupo que empresta corpo ao vegetal, e na volta confunde-se com não poder continuar sem aquela missão de repetir e insistir, no que vale a pena não deixar cair.

Apoiar

Se quiseres apoiar o Coffeepaste, para continuarmos a fazer mais e melhor por ti e pela comunidade, vê como aqui.

Se tiveres alguma questão, escreve-nos para info@coffeepaste.com

COMO APOIAR

Mais Artigos



ARTIGOS
POR IVO SARAIVA E SILVA

O Belo Aos Quadrinhos

Em 1950, Jean Genet roda um importante filme, um belo escândalo em curta-metragem. Genet dedica-nos uma *Un Chant d'Amour* (1950) distinta das demais, que dedilha uma estreita sedução entre os códigos do...

25 DE ABRIL DE 2025



ARTIGOS
POR MARIANA DIXE

Rés-do-chão #4: autoficção

«Querido Diário, Hoje o dia começou muito bem. De manhã, logo que acordei, abrimos os presentes. Recebi várias coisas mas o que preferi foi o CD da Shakira, o CD do Boss AC, uma máquina de recibos e um...

11 DE ABRIL DE 2025



ARTIGOS
POR MARIANA DIXE

Rés-do-chão #3: sonhos e negociações

Sete dias depois de a minha gata, Dalila, companheira de 20 anos, ter morrido, tive um sonho. Cheguei a casa e ela estava deitada no sofá – naquele sofá que já nem está na nossa sala, que é o antigo, o...

14 DE MARÇO DE 2025

PUBLICIDADE

21, 22, 28 e 29 maio 2025 online com Pedro Mascarenhas

SEGUE-NOS NAS REDES

COFFEEPASTE

   

INFO
Como anunciar
Como apoiar
Informação Legal
Política de cookies
Login

REDES
Facebook
Instagram
Twitter
Youtube

PUBLICIDADE
Quer Publicitar no nosso site? preencha o formulário.

Preencher

INSCREVE-TE NA MAILING LIST E RECEBE TODAS AS NOVIDADES DO COFFEEPASTE!

Ao subscrires, passarás a receber os anúncios mais recentes, informações sobre novos conteúdos editoriais, as nossas iniciativas e outras informações por email. O teu endereço nunca será partilhado.

Nome Email

SUBMETTER

APOIOS

